

SABINE GOROVITZ E
ENRIQUE HUELVA UNTERNBÄUMEN (ORG.)

POLÍTICAS E TENDÊNCIAS DE INTERNACIONALIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR NO BRASIL

EDITORA



UnB

Reitora
Vice-Reitor



Universidade de Brasília

Márcia Abrahão Moura
Enrique Huelva

EDITORA



UnB

Diretora

Germana Henriques Pereira

Conselho editorial

Germana Henriques Pereira (Presidente)
Fernando César Lima Leite
Beatriz Vargas Ramos Gonçalves de Rezende
Carlos José Souza de Alvarenga
Estevão Chaves de Rezende Martins
Flávia Millena Biroli Tokarski
Jorge Madeira Nogueira
Maria Lidia Bueno Fernandes
Rafael Sanzio Araújo dos Anjos
Sely Maria de Souza Costa
Verônica Moreira Amado

SABINE GOROVITZ E
ENRIQUE HUELVA UNTERNBÄUMEN (ORG.)

POLÍTICAS E TENDÊNCIAS DE INTERNACIONALIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR NO BRASIL

EDITORA



UnB

**Coordenadora de produção editorial
Preparação e revisão**

Equipe editorial

Luciana Lins Camello Galvão
Jeane Antonio Pedrozo

© 2018 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:
Editora Universidade de Brasília
SCS, quadra 2, bloco C, nº 78, edifício OK,
2º andar, CEP 70302-907, Brasília, DF
Telefone: (61) 3035-4200
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte
desta publicação poderá ser armazenada
ou reproduzida por qualquer meio sem a
autorização por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília

P769 Políticas e tendências de internacionalização do ensino superior
no Brasil / Sabine Gorovitz e Enrique Huelva Unternbäumen
(org.). - Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2021.
284 p. ; 23 cm.

ISBN 978-65-5846-156-2

1. Ensino superior - Internacionalização - Brasil. 2. Educação -
Cooperação internacional. 3. Política linguística. 4. Redes de
cooperação acadêmicas. I. Gorovitz, Sabine (org.). II.
Unternbäumen, Enrique Huelva (org.).

CDU 378

Sumário

Apresentação	9
--------------------	---

PARTE 1

PROCESSOS, POLÍTICAS E PROGRAMAS DE INTERNACIONALIZAÇÃO HOJE

Capítulo 1

A internalização das universidades brasileiras	15
--	----

Heitor Gurgulino de Souza

Universidade da ONU

Capítulo 2

Políticas de Integração e Cooperação Técnica de Internacionalização das Instituições de Ensino Superior — perspectivas Unesco	31
--	----

Maria Rebeca Otero Gomes e Thais Guerra

Unesco

Capítulo 3

Expectativas para o crescimento do Programa MARCA MERCOSUL	45
--	----

Grasiele Reisdörfer

MEC – Programa Marca Mercosul

Capítulo 4

Educação superior brasileira: cenários e reais e possibilidades de cooperação Brasil/Goa/Índia	53
---	----

Marcos Formiga

UnB/Ceam – Núcleo do Futuro

PARTE 2

POLÍTICAS LINGUÍSTICAS EM PROL DA INTERNACIONALIZAÇÃO ACADÊMICA

Capítulo 5

Políticas del lenguaje en el campo de las ciencias y la educación superior en América Latina 73

Rainer Enrique Hamel

Universidad Autónoma Metropolitana – UAM

Capítulo 6

Plurilingüismo Académico: a intercompreensão como prática comunicativa em contexto universitário 101

Angela Erazo Muñoz

Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Capítulo 7

A Língua Portuguesa em Goa / Índia: uma breve história e evolução mais recente 117

Aurobindo Xavier

Sociedade Lusófona de Goa – LSG

Capítulo 8

Missões e desafios da Agência Universitária da Francofonia (AUF) 127

Isabela de Cerqueira Silva Ospital

Agência Universitária da Francofonia – AUF

Capítulo 9

Pela diversidade linguística nas universidades: o monolingüismo do inglês em debate 135

Sabine Gorovitz

Universidade de Brasília – UnB

PARTE 3

POLÍTICAS DE INTEGRAÇÃO, REDES E AGÊNCIAS DE COOPERAÇÃO INTERNACIONAL

Capítulo 10

Universidade de Brasília e a Aliança Universitária da Região do Ruhr:
atividades e desafios 147

Stephan Hollensteiner e Fernando Oliveira Paulino

Faculdade de Comunicação – FAC/UnB

Capítulo 11

A cooperação universitária com a Alemanha e o papel do Serviço
Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD) 161

Martina Schulze

Deutscher Akademischer Austauschdienst – DAAD

Capítulo 12

Internacionalización en la Organización de los
estados Iberoamericanos 173

Paulo Speller

OEI

Capítulo 13

A Cooperação Acadêmica da União Europeia com o Brasil 183

Claudia Gintersdorfer

União Européia – UE

Capítulo 14

A contribuição dos estudos latino-americanos para a
internacionalização das universidades brasileiras e para a produção
de um conhecimento global 193

Rebecca Lemos Igreja e Simone Rodrigues Pinto

Universidade de Brasília – UnB

PARTE 4

BOAS PRÁTICAS DE INTERNACIONALIZAÇÃO NO BRASIL

Capítulo 15

O processo de internacionalização acadêmica da Unicamp 213

Luís Augusto Barbosa Cortez

Faculdade de Engenharia Agrícola (Feagri)/Unicamp

Capítulo 16

Panorama da cooperação franco-brasileira em matéria de
pesquisa científica e ensino superior 235

Alain Bourdon

Embaixada da França no Brasil

Capítulo 17

Acordos internacionais entre a FAU/UnB e as
universidades estrangeiras 243

Cláudia Estrela Porto

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – FAU/UnB

PARTE 3

POLÍTICAS DE INTEGRAÇÃO,
REDES E AGÊNCIAS DE
COOPERAÇÃO INTERNACIONAL

CAPÍTULO 10

Universidade de Brasília e a Aliança Universitária da Região do Ruhr: atividades e desafios¹

Stephan Hollensteiner²

Aliança Universitária do Ruhr (UA Ruhr)

Fernando Oliveira Paulino³

Faculdade de Comunicação (FAC/UnB)

Introdução

Este capítulo pretende apresentar reflexão sobre cooperação acadêmica internacional por meio de atividades desenvolvidas pela Universidade de Brasília e pela Aliança Universitária da Região do Ruhr. Para isso, descreve ações realizadas, inclui referências sobre o tema e

¹ Texto derivado da apresentação dos autores realizada no 1º Fórum e Feira de Internacionalização da Universidade de Brasília, em agosto de 2017.

² Doutor em Ciência Política (2001, J.W.Goethe-Uni, Frankfurt am Main). Há 20 anos atua na cooperação científica com Brasil e América Latina: entre 2000 e 2001, foi professor visitante na UFMG - Belo Horizonte; de 2002 a 2006, atuou como professor visitante na UFRJ e coordenador de *marketing* no escritório regional do DAAD - Rio de Janeiro; de 2007 a 2011: Universidade Técnica de Munique, International Office, onde foi responsável pela cooperação com a América Latina; e entre 2011 e 2018, foi coordenador do Escritório para América Latina da Aliança Universitária da Região do Ruhr. *Email*: stephan.hollensteiner@uni-due.de.

³ Doutor em Comunicação (2008, UnB com estágio doutoral na Universidad de Sevilla). Professor da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Diretor de Relações Internacionais da Associação Latino-Americana de Investigadores da Comunicação (ALAIIC). *Email*: paulino@unb.br .

apresenta sugestões que podem contribuir com o aprimoramento e a expansão do trabalho de cooperação.

Inaugurada em 1962 e erguida na nova capital da República, a Universidade de Brasília nasceu com a preocupação normativa (Lei n.º 3.998, de 15 de dezembro de 1961) de ser necessária “instituição de ensino superior de pesquisa e estudo em todos os ramos do saber e de divulgação científica, técnica e cultural” e de empenhar-se em “nos estudos dos problemas relacionados com o desenvolvimento econômico, social e cultural do país e, na medida de sua possibilidade, na colaboração às entidades públicas e privadas que o solicitarem”(BRASIL, 1961).⁴

O cumprimento de suas tarefas em escalas local, regional e nacional também deve ser realizado por meio de atividades ligadas à cooperação internacional, como pode ser observado desde a primeira versão do Estatuto da UnB (instituído pelo Decreto 500, de 15 de janeiro de 1962), que determina a necessidade de representação da universidade junto a entidades nacionais, estrangeiras ou internacionais;⁵ princípio que norteará iniciativas de ensino, pesquisa e extensão tendo na UnB janelas de intercâmbio com o mundo. Aliás, a conexão internacional foi fundamental para assegurar a permanência e o fortalecimento de uma universidade em Brasília. Como apresentado por Darcy Ribeiro em diversas ocasiões,⁶ houve adesões e oposições ao projeto acadêmico na capital, com assessores do então presidente Juscelino Kubitschek, que “queriam a nova capital livre

⁴ Lei n.º 3.998, de 15 de dezembro de 1961. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L3998.htm.

⁵ Conferir: https://noticias.unb.br/images/Noticias/2017/Documentos/Estatuto_FUB_.pdf.

⁶ Dentre elas, depoimentos publicados em texto: conforme http://www.fd.unb.br/index.php?option=com_content&view=article&id=538:o-nascimento-da-unb-por-darcy-ribeiro&catid=82&lang=pt&Itemid=319, e em vídeo, a exemplo da entrevista dada para o documentário Barra 68, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1Kz8AGSdwpY>

de badernas estudantis, assim como de greves de operários fabris. Foram crescendo, porém, as ondas de apoio, que vinham sobretudo dos grandes cientistas brasileiros, que se juntavam na Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência” (RIBEIRO, 2018, p. 182). Nos primeiros anos, além dos suportes técnicos e políticos que foram conseguidos, também contaram pontos a favor da permanência e da expansão da UnB, a necessidade de que diplomatas e seus descendentes tivessem formação de nível superior, pois certamente, como aponta Marco Antonio Rodrigues Dias, os “diplomatas do Brasil e de outros países não viriam para Brasília se não tivessem instituições para a instrução dos seus filhos” (em entrevista ao Correio Brasiliense, 2014).⁷

Assim sendo, por meio de ações coordenadas em iniciativas criadas pela administração superior da universidade em diálogo com os institutos e faculdades, a UnB tem desenvolvido cooperação histórica com iniciativas nacionais e internacionais, incluindo nesta lista a conexão com universidades alemãs, dentre elas as instituições que compõem a Aliança Universitária da Região do Ruhr, conforme será apresentado a seguir.

Relação Brasil-Alemanha e a Aliança Universitária da Região do Ruhr

Em termos oficiais,⁸ a relação entre Brasil e Alemanha foi estabelecida na primeira metade do século XIX. Pouco tempo antes da independência brasileira, a família real instalada no Rio de Janeiro solicitou ao

⁷ Conferir: https://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2014/01/04/interna_diversao_arte,406267/livro-lembra-bastidores-do-periodo-em-que-a-unb-foi-conduzida-por-militares.shtml.

⁸ Antes das relações diplomáticas formais, a presença de alemães em território brasileiro ocorreu por iniciativas individuais. Dentre elas, podem ser destacadas as incursões de

major alemão Jorge Antonio (“Georg Anton”) Von Schäffer que recrutasse colonos para virem ao país, processo que se acentuou com a soberania do Estado brasileiro.⁹ Em 1824, a partir da promulgação da primeira Constituição, houve mais estímulo para a expansão da presença alemã no Brasil, processo impulsionado em 1826 com a instalação da primeira representação diplomática do país na Alemanha, estabelecida em Hamburgo, e da posterior assinatura de tratados de comércio e navegação.

No século XX, com o crescimento do número de instituições de educação superior no Brasil e da crescente instalação de empresas alemãs,¹⁰ passou a haver mais acordos de cooperação comercial e intercâmbio técnico-científico, impulsionados por medidas como o Acordo Geral de Cooperação nos setores da Pesquisa Científica e do Desenvolvimento Tecnológico¹¹ (1969) e o Acordo de Cooperação Nuclear de 1975.

Atualmente, a Embaixada da Alemanha contabiliza que mais de cem universidades e faculdades alemãs mantêm projetos com o Brasil, atividades amparadas desde 2012 pelo Centro Alemão de Ciência e Inovação São Paulo (DWIH-SP), que busca ser “uma plataforma singular para promover o intercâmbio científico e para conectar melhor os sistemas de inovação dos dois países”.¹² O DWIH-SP constitui-se como uma ponte

Ulrich Schmidel, Hans Staden e Alexander von Humboldt, como pode ser observado em: <http://brasil-alemanha.com/br/>.

⁹ Conferir: <http://www.dw.com/pt-br/cronologia-das-rela%C3%A7%C3%B5es-brasil-alemanha/a-18662968>.

¹⁰ A Câmara Brasil-Alemanha, com 1.200 associados, atua há quase cem anos na ligação entre os dois países, sendo São Paulo a cidade com maior número de empresas de origem alemã do mundo e no Brasil o capital alemão estimado representar aproximadamente 10% do PIB industrial do país, conforme pode ser observado em: <http://www.ahkbrasilien.com.br/pt/camara-brasil-alemanha-de-sao-paulo-mobile/>

¹¹ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1950-1969/D65160.htm.

¹² Conferir: http://dwi.com.br/sites/default/files/galeria/arquivos/brochura_dwih-perfil_correcoes_finais_ok.pdf.

para os dois países, estimulando, dentre outras atividades, a Aliança Universitária da Região do Ruhr.

Localizada no oeste alemão, a região do Ruhr vivenciou, no século XX, uma importante mudança de sua matriz econômica substituindo a prevalência do carvão e do aço por forte atividade logística e de serviços¹³ e também se estabeleceu como um ambiente de inovação, ciência e pesquisa. Para fortalecer tal perspectiva e impulsionar medidas de cooperação internacional, em 2007, as três mais conceituadas universidades públicas da região, Universität Duisburg-Essen, Ruhr-Universität Bochum e Technische Universität Dortmund (TU Dortmund), fundadas respectivamente em 2003, 1962 e 1968, assinaram acordo de cooperação e constituíram a Aliança Universitária da Região do Ruhr (UA Ruhr).

Essa aliança conta com escritórios internacionais em cidades de países considerados estratégicos, Nova York e Moscou, e estimula que as três universidades busquem agregar suas competências, criar sinergias e, com isso, aumentar resultados e visibilidade de atividades desenvolvidas na região e no exterior por meio de quase cem projetos comuns de ensino, pesquisa, extensão e gestão inspirados no lema “juntos melhor” (em alemão: „*Gemeinsam besser*“).

As três universidades da Aliança Universitária do Ruhr são jovens, em comparação à centenária tradição de educação superior da Alemanha,¹⁴ e marcadas por uma “tradição de inovação”, agregando cerca de 110.000 estudantes, com uma média de mil doutorados concluídos por ano, 500 cursos de graduação e de pós-graduação com cerca de 1.300 professores e 5 mil técnicos.

¹³ Conferir: <http://www.dw.com/pt-br/regi%C3%A3o-do-rio-ruhr/a-938783>.

¹⁴ Ver: <http://www.dw.com/pt-br/universidade-de-heidelberg-a-mais-antiga-da-alemanha-faz-625-anos/a-15601637>.

As três instituições que compõem a UA Ruhr buscam promover ensino e pesquisa de excelência com destaque em áreas como energia e recursos sustentáveis, ciências sociais e da educação, logística, estatística e informática, biotecnologia, neurociências e medicina. Dentre as iniciativas realizadas, podem ser relacionados os projetos: a) International Studies in Engineering (ISE); b) RuhrCampus, Global Young Faculty, ScienceCareerNet Ruhr; c) as ações decorrentes de 25 Centros de Investigação/Graduate Schools financiados pela DFG e com a atuação de professores premiados pelo prêmio Leibniz, bolsas pelo “Deutschland-Stipendium”; e d) o “Parque Tecnológico” da TU Dortmund, que promove 290 empresas e está conectado a 9500 empregos.

Com o Brasil, a UA Ruhr possui acordos de cooperação não só com a UnB, mas também com a Universidade Federal de Minas Gerais, a Universidade Federal do Rio de Janeiro, a Universidade Federal Fluminense, a Universidade Federal do ABC, a Universidade Estadual Paulista e a Universidade de São Paulo.

Entre 2012 e 2017, aproveitando o estímulo do Programa Ciência sem Fronteiras, 430 bolsistas brasileiros, na sua grande maioria de graduação, desenvolveram atividades nas universidades da UA Ruhr. No mesmo período, as universidades brasileiras parceiras receberam a visita de pesquisadores alemães da UA Ruhr, a maioria da TU Dortmund, conforme pode ser observado das datas relacionadas a seguir.

Prof. Christoph Käppler (Fak. Rehabilitationswissenschaften), 2012/13/14/15, prof. Irmgard Merkt & Piano Inklusiv, 2013, prof. Bert Roebben (Kath. Theologie) 2013, prof. Ute Klammer, Universidade de Duisburg-Essen (2014), prof. Susanne Prediger (IEEM) 2014,

Jane Artmann M.A. (International Office) 2014, prof. Susanne Fengler, Erich Brost-Institut-TU Dortmund, 2014, 2017 e 2019, Mariella Bastian (Erich Brost-Institut), 2014 e 2017, prof. Jürgen Howaldt / Dmitri Domanski (Sozialforschungsstelle Dortmund) 2016, prof. Karsten Zimmermann (Fak. Raumplanung) 2017.

UA Ruhr e UnB

A ligação entre UnB e Alemanha possui registros no presente e no passado da instituição com docentes e pesquisadores alemães e brasileiros atuando de forma conjunta e também de maneira individualizada nos dois lados do Oceano Atlântico. Aliás, um dos desafios da relação também é desenvolver uma espécie de arqueologia das atividades realizadas ao longo do tempo e dos impactos das ações na formação de graduação e de pós-graduação.

Uma importante referência dessa história foi o fotógrafo e professor Heinz Forthmann (1915-1978). Nascido em Hanover em 1915, Forthmann chegou ao Brasil com sua família em 1932 e transformou-se em cidadão brasileiro em 1940. Nos anos 1940 e 1950, atuou no Serviço de Proteção de Índios, antigo SPI, participando de diversas expedições com Darcy Ribeiro e desenvolvendo filmes etnográficos sobre os índios Urubu-Kaapor e o “Funeral Bororo”. Muitas de suas fotografias e filmes estão armazenados e disponíveis em formato analógico e eletrônico no Museu do Índio do Rio de Janeiro.¹⁵ Nos últimos anos de sua vida, atuou como professor do curso de comunicação da Universidade de Brasília e

¹⁵ Conferir: <http://www.museudoindio.gov.br/>.

seu compromisso com a educação e com o patrimônio material e imaterial contribuiu para emprestar seu nome à Fimoteca Heinz Forthmann da Faculdade de Comunicação da UnB. Mais informações sobre a trajetória de Forthmann podem ser encontradas na tese de doutorado de Marcos de Sousa Mendes, defendida na Unicamp em 2006 e cujo título é *Heinz Forthmann e Darcy Ribeiro: cinema documentário no Serviço de Proteção aos Índios, SPI, 1949-1959*.¹⁶

Atualmente, estão vigentes catorze acordos entre a UnB e universidades alemãs¹⁷ com iniciativas em diversas áreas. No âmbito da comunicação, podem ser relacionadas as atividades entre a Faculdade de Comunicação e o *Erich Brost Institute* for International Journalism da TU Dortmund com compartilhamento de informações e produções conjuntas. A maior parte dos resultados ligados à comunicação e democracia, conforme é exposto a seguir.

As atividades conjuntas entre UA Ruhr e UnB estão fundamentadas em intercâmbio permanente de informações com produções e eventos conjuntos. Mais do que trânsito de pessoas, que aconteceu com a vinda para Brasília de pesquisadores alemães e a ida à Alemanha de professor e pós-graduandos brasileiros, tem havido um contato permanente que busca, de maneira recíproca, fortalecer o intercâmbio acadêmico e diversificar as atividades para outras áreas do conhecimento.

No que se refere à comunicação, não só entre Brasil e Alemanha, mas na Europa e na América Latina de forma geral, a expansão da tecnologia digital trouxe um grande desafio para a mídia: a busca por um modelo de produção, distribuição e acesso à informação de qualidade. Por outro lado, o acesso à internet também pode significar um estímulo à prestação de

¹⁶ Conferir: <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/285097?mode=full>.

¹⁷ Conferir: <http://www.int.unb.br/acordos-em-vigencia>.

contas dos veículos de comunicação e de seus profissionais — sugestões, reclamações e comentários chegam rapidamente às redações via *e-mail* e pelas mídias sociais.

Levando em consideração tal cenário, o acordo de cooperação entre UnB e UA Ruhr, foram organizados seminários em Dortmund em 2015 e na UnB em 2017, cujos temas foram “Mídia, Accountability e Liberdade de Expressão na Europa e na América Latina”, resultado de parceria entre a UnB, o Centro Alemão de Ciência e Inovação (DWIH-SP), a Universidade Técnica de Dortmund e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Durante os debates e as pesquisas realizadas, cientistas e profissionais da Alemanha e do Brasil têm debatido questões relacionadas à liberdade e prestação de contas da mídia europeia e latino-americana. Um dos objetivos da troca de experiências tem sido abordar o papel da imprensa para o fortalecimento da democracia e da diversidade.

Em países da América Latina, problemas conhecidos continuam na agenda. Pesquisas apontam um alto índice de concentração de propriedade da mídia, tentativas de interferência nos conteúdos veiculados pelo poder público e pouca prestação de contas das empresas do ramo.¹⁸ Outro risco para a liberdade de expressão em países como o Brasil é o significativo grau de paralelismo político, ou seja, interesses cruzados entre proprietários de mídia e grupos políticos. A Europa também não está livre de dificuldades ligadas à comunicação e democracia: a liberdade de expressão de grupos formados por refugiados e emigrantes, o funcionamento em xeque do sistema público de comunicação em alguns países são alguns dos exemplos de temas em discussão.

¹⁸ Dentre os estudos realizados, é possível relacionar a pesquisa disponível em: <https://brazil.mom-rsf.org/br/sobre/>.

Além da participação nas atividades dos autores deste texto, vale mencionar a presença em atividades ligadas à UnB e à UA Ruhr de Susanne Fengler, diretora do Instituto Erich Brost da TU Dortmund e uma das coordenadoras do projeto Media Accountability e Transparência na Europa,¹⁹ uma pesquisa comparada focada na prestação de contas dos veículos europeus. Também participam do projeto Mariella Bastian, pesquisadora do Instituto de Jornalismo da TU-Dortmund e da Universidade de Amsterdã, e Carina Zappe, do Observatório Europeu do Jornalismo. Além dos colegas citados, têm participado dos esforços de mais cooperação entre Brasil e Alemanha no âmbito do acordo UnB-UA Ruhr, Danilo Rothberg, Universidade Estadual Paulista, Josenildo Guerra, professor da Universidade Federal de Sergipe, Rogério Christofolletti, Universidade Federal de Santa Catarina, e Marcos Santuário, docente da Universidade Feevale. Eles fazem parte da Rede Nacional de Observatórios da Imprensa, criada em 2005 para reunir estudos e monitorar a mídia brasileira.

Conclusões e desafios

Além das reflexões apresentadas, é importante concluir este texto com algumas referências orientadoras das atividades realizadas e com desafios que estão cotidianamente presentes nas atividades de cooperação acadêmica. Estudiosos dos papéis que as instituições de educação superior podem desempenhar na aproximação das sociedades, Naomar de Almeida Filho e Fernando Seabra Santos publicaram, pela Universidade de Brasília e pela Universidade de Coimbra (2012), o livro *A quarta*

¹⁹ Conferir: www.mediaact.eu.

missão da Universidade: internacionalização universitária na sociedade do conhecimento. A obra prescreve que, além de suas três funções iniciais: ensino, pesquisa e extensão, as universidades têm uma quarta missão: a internacionalização, com alto e sustentável poder de aproximar não só o conhecimento científico, mas também de promover iniciativas que coloquem em contato indivíduos e grupos sociais. Para isso, Almeida Filho e Santos preconizam a internacionalização acadêmica em quatro objetivos: a) reforçar projetos conjuntos e integradores; b) dar maior dimensão às suas atividades de formação, de pesquisa e de inovação; c) conduzir uma agenda própria de diplomacia cultural universitária; e d) contribuir para a consolidação de Espaços Integrados do Conhecimento (SANTOS; ALMEIDA FILHO, 2012, p. 145).

As reflexões apresentadas pelos autores citados e pelas atividades realizadas permitem esboçar alguns desafios na cooperação entre UnB e UA Ruhr que, certamente, também podem ser úteis a outras iniciativas. Dessa forma, relacionando as tarefas já enunciadas, é necessário:

- a. manter e promover atividades presenciais e não presenciais entre professores(as), técnicos e estudantes;
- b. utilizar as tecnologias de comunicação e educação a favor do acordo de cooperação e, com isso, mantendo um intercâmbio informativo que contribui com a produção científica e a aproximação entre os indivíduos, as instituições e as sociedades dos dois países;
- c. diversificar as atividades por meio do estímulo à participação de outras áreas do conhecimento além daquelas que já estão integradas no acordo de cooperação. Para isso, é fundamental contar com suporte institucional e realizar divulgação e registro de memória nas entidades envolvidas;

- d. ter nos idiomas uma plataforma de conexão adaptada para as circunstâncias e necessidades e não uma barreira que distancie projetos que sejam complementares em objetivos e possibilidades;
- e. realizar esforços de adaptação e ajustes burocráticos para não fazer de questões e tarefas administrativas óbices para a realização de atividades científicas;
- f. obter financiamentos internos e externos às universidades para que os trabalhos planejados sejam realizados;
- g. contar com reconhecimentos institucionais que percebam as atividades de internacionalização como parte do labor acadêmico e, dessa maneira, fazem parte da vida funcional e profissional dos(as) envolvidos(as);
- h. estimular duplas titulações com o reconhecimento recíproco de cursos e atividades;
- i. a internacionalização não envolve apenas possibilidades de cooperação em atividades de pesquisa. Ensino, extensão e gestão são importantes campos para intercâmbio acadêmico;
- j. e, por fim, e não menos importante, promover continuamente um regime de reciprocidade acadêmica no qual seja confortável e estimulante realizar atividades conjuntas.

As medidas expostas assumidamente não esgotam os desafios ligados à cooperação, mas certamente podem auxiliar com o que já está em funcionamento, no que está planejado e com perspectivas futuras para atividades universitárias ligadas à internacionalização. Que as instituições de educação superior continuem promovendo diálogo, conhecimento e reconhecimento equidistante e equitativo entre os povos.

Referências

BRASIL. *Lei n.º 3.998, de 15 de dezembro de 1961*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L3998.htm.

RIBEIRO, Darcy. *Educação como prioridade*. Global Editora e Distribuidora Ltda., 2018.

SANTOS, Fernando Seabra; ALMEIDA FILHO, Naomar de. *A quarta missão da Universidade: internacionalização universitária na sociedade do conhecimento*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012; Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.

A internacionalização das universidades é inevitável, e as instituições começam a implementar suas políticas e estratégias, influenciadas pelas dinâmicas acadêmicas internacionais, pelas políticas governamentais nacionais, regionais e mundiais. O desafio é manter o foco nas questões e necessidades locais, beneficiando-se de competências internacionais. Deve ser definida de acordo com o perfil das instituições e das necessidades das suas comunidades, com potencial para melhorar o ensino e a pesquisa localmente produzida de modo a fomentar o crescimento sustentável da região, em diálogo constante com o contexto global e valores compartilhados em projetos acadêmicos de temáticas transversais, multidisciplinares e interinstitucionais, a fim de estruturar uma rede territorial de cooperação acadêmica. É mais um instrumento para fomentar o diálogo entre atores da internacionalização acadêmica. Esta obra apresenta reflexões sobre as políticas de internacionalização das instituições de ensino superior no Brasil; foca na questão do pertencimento e da atuação em redes internacionais de pesquisa e de diálogo acadêmico; as políticas linguísticas em prol da internacionalização também são objeto de ampla reflexão, aliando-se a sugestões de boas práticas como duplas titulações e eficientes modelos de mobilidade baseados em simetria e reciprocidade. Apresenta discussões voltadas aos programas de cooperação acadêmica e às parcerias consolidadas entre universidades e órgãos internacionais. Boa Leitura!